

A DERROTA

Conto de Vasconcelos Maia

Eu era o único solteiro na pensão de d. Zezé. O único solteiro, o único feliz. Vivía sòzinho na minha sotéa, com meus livros, minhas cravinas, minha vitrola. Excetuando as obrigações funcionais, que eram suaves, a nada mais eu tinha de obedecer. Dormia o quanto me dava vontade. As vèzes ia até o meio dia, gostava disso no inverno, quando a chuva refrescava a cidade e o vento fazia as árvores chorarem no Largo. E com os respingos frios salpicando meu rosto, o corpo todo acobertado, eu roncava no sono despreocupado, no sono solto do homem livre. No verão eu tinha veleidades esportivas: acordava às oito, pegava u'a "marinetti", ia gosar o banho-de-mar no Farol da Barra. Jogava peteca com minha turminha de garotas bonitas, atirava-me às ondas com a máxima disposição e depois, cansado, estirava-me sôbre a areia, dourava-me ao sol, repousando a vista sôbre todos aqueles corpos femininos, semi-nús e elásticos, que tentam a gula como acarajés quentinhos — oh! você pode sorrir, lhe dou licença, mas nessa época eu tinha alma de poeta, podia florear minha vida com sentimentos líricos e adjetivos amenos.

Quando a comida de d. Zezé não me agradava, eu ia direto ao Mercado Modelo e a preta Maria de São Pedro me acolhia em seus braços gordos regalava-me com suas moquecas divinais. Palito no lábio, charuto entre dentes, arrotando na paz duma liber-

dade bem disputada, eu caminhava sem pressa para o trabalho, entrava na repartição quase sempre atrasado, assinava o ponto e preparava-me para atender o expediente, muito folgado, deixando brasileiramente de fazer hoje o que poderia fazer amanhã. O dinheiro público entrava com a mesma regularidade. Para que então esfalfar-me, se a maioria dos meus colegas também não se interessava, se o povo já estava conformado com o nosso parasitismo, se, pelos exemplos testemunhados, as promoções não eram feitas à base de esforço? Além disso meu ordenado bastava-me, sobrava até. Eu não tinha mãe para sustentar, irmã solteira para casar e sobretudo, mulher a que me escravisar, para que então tentar ganhar mais com biscates exaustivos?

Depois da tarde agradável passada na repartição, entre bate-papos sôbre mulher alheia, política e futebol, entre cafêzinhos, telefonemas íntimas e um outro despacho já de bolôr, eu saía às cinco, ia fazer o sagrado "footing" à rua Chile. E na esquina do Palácio do Governo, entre amigos, punha-me a apreciar o que de mais encantador havia na Bahia — as bem nutridas madames da sociedade, tão belas em suas carnaduras frescas, as esbeltas "mademoiselles", tão lindas em sua coqueteria adolescente, emocionando-me com os "flirts" de umas e outras — e quantas aventuras capitosas não nasceram ali?

Se algum amigo do peito alvitrava um sarapatel na feira das Sete Portas, um vatapá no restaurante de Pixita ou um chope nalgum Ita atracado no porto, prontamente eu concordava, sem a preocupação de ter de prevenir em casa, pois ninguém dependia de mim, ninguém esperava-me para jantar, a ninguém eu dava satisfações. Depois fomos a um dos sub-cinemas da cidade, à Amaralina, se fazia noite de lua, ou simplesmente ficávamos a conversar num dos bancos da Praça da Sé, olhando do alto da montanha, a baía de Todos os Santos estirada lá em baixo, o porto dormindo, a península de Itapagipe ouriçada de luzes, o forte de S. Marcelo rodeado de barcos, saveiros de velas arreadas, com suas lanternas vermelhas paradas no tope dos mastros, atulhando a enseadazinha do Mercado. Se era sábado, escolhia uma festa, esbaldava-me em cerveja, dansava até a madrugada, havia sempre uma mulher voluptuosa para coroar a noitada. Se me apetecesse dormia fóra de casa. Caso contrário, voltava, recolhia-me à pensão: tinha de subir três escadas puxadas, é verdade, mas vencidas estas, eu sabia que nenhuma esposa ranzinza me esperava com lamentações, não haveria xingamento nem briga, nenhuma intrometida, protegida por lei, teria direito de chamar-me à responsabilidade. Lá em cima, aguardava-me uma cama macia, de alvos lencóis, de colchão fôfo, uma cama principalmente estreita, de solteiro, quieta e convidativa onde eu me atirava mesmo vestido e ressonava até saciar o sono.

Eu era o único solteiro na pensão de d. Zezé. Era o único feliz. Os meus companheiros de morada, todos casados, como você pode calcular, tinham-me uma inveja doida. Suas mulheres, por sua vez, odiavam-me cordialmente. E apelidaram-me entre si, de “ovelha tresmalhada”, “mau

exemplo”, etc., tendo havido um acôrdo tácito para amarrar-me. E tentavam-me, lançavam-me iscas, era de regalar qualquer sujeito de bom humor. E eu me regalava com a inefável solicitude que elas empregavam para botar-me no “bom caminho”. E todas tinham sempre a visitá-las uma prima ou sobrinha, muito prendada, muito trabalhadora, muito meiga, que não era noiva, não tinha namorado nem sequer era dessas que se debocam pelos clubes de dança. Com tais atributos, tão raros hoje em dia, eram-me apresentadas. Finamente educado como eu era, não as desacreditava. Nem as evitava. Com o meu arzinho sonso, com o meu sorriso mais polido, dava-lhes fé. Nem uma só valia um terço das qualidades enumeradas. Todas eram como as senhoritas que comumente conhecemos, as virgens só o eram no frágil ponto dos preconceitos. E se alguma me agradava, eu fazia como os ratões sabidos que comem o bom do queijo sem cair na ratoeira, deixando a casca para outro menos hábil e mais doméstico.

Assim eu passava a vida, o único solteiro na pensão de d. Zezé, alegre, saudável, livre. Meu fígado era uma maravilha, sempre moço, enquanto os dos meus companheiros envelheciam pelo excesso de trabalho ou perseguição das consortes. E andava sempre com dinheiro no bolso enquanto eles nunca possuíam o suficiente para as despesas embora cavassem muito e pedissem aumento com frequência.

E justamente foi o meu estado financeiro tão folgado... mas não precipitemos os acontecimentos. Como todo o ser humano, sou também masoquista, gosto de me magoar, de respirar sofrimentos e humilhações, de contar pausadamente a minha derrota.

Eu não era rico, meu pai não me deixara herança. Tãopouco ganhava como um deputado. Mas um ótimo

pistolão, um ilustre senador, em quem eu nem tivera coragem de votar, casado com a prima duma amiga íntima dum tio postiço de minha mãe, arranjara-me sem concurso um lugar muito bom, federal, onde não se trabalhava demais, que me elevava a uma posição distinta e principalmente remunerada com prodigalidade — se formos contar certas comidilhas oficiais, cujos despachos passavam por minha carteira. Sendo solteiro o dinheiro me bastava, sobrava até, apesar das farras hebdomadárias que eu me presenteara, dos duques de linho irlandês, dos perfumes francêses, que eu me dava ao luxo de usar. E esta folgança financeira aliada à fina educação que naquele tempo eu podia ostentar, causou o meu fracasso. Todos os moradores da pensão de d. Zezé, d. Zezé inclusive, aproveitavam-se desta minha última fraqueza para gosarem da segunda. Sempre que eu estava em meu quarto passava por acaso uma senhora que, por outro acaso, vendo a porta aberta, entrava, atraída por minhas cravinas ou curiosa pelo último disco comprado. Menos aptas para admirarem Bach ou Stravinsky, pasmavam ante meus lindos vasos de cravinas, umas ao ar livre, outras acondicionadas em estufas, todas de tonalidades fascinantes e duma opulência realmente de encher os olhos, já que, floricultor apaixonado eu as cultivava com sapiência, fazendo as mais extravagantes experiências e enxêrtos. Depois de embebedarem-se com sua perfumosa formosura, perguntavam se podiam ser-me úteis em alguma coisa — coitado (lamentavam-me), sôzinho numa pensão, sem uma espôsa para cuidar-me! Já envaidecido pelos elogios às minhas queridas flôres eu ecabava sensibilizando-me com esta outra prova de afeto, às vezes demonstrado mais praticamente, muito conjugalmente. Então aparecia um frasco vasio trazido por terceiro acaso e eu

caía em mim sôbre a verdadeira causa da visita. Não podia negar, é claro, eu era um perfeito cavalheiro. E lá se iam para os toaletes das madames algumas preciosas gotas do meu perfume “made in Paris” legítimo. As mulheres geralmente contentavam-se em se apossar do meu perfume, em pedir emprestada a minha vitrola, o que me consolava em parte já que atestavam certo gosto artístico. Uma ou outra, quando eu facilitava, exigia um colar ou uma pulseira... isto porém tinha sua razão de ser.

Os homens é que eram sórdidos, não usavam a delicadeza estética como o faziam suas esposas. Abusavam de forma diferente, diferente e torpe. Dois dêles não eram demasiado exigentes, nem usavam argumentos chocantes. O dr. Evaristo Rocha, professor contratado, capacidade em Latim, só fazia questão de minhas camisas quando tinha de botar discurso em 2 de Julho ou 7 de Setembro e sua cuidadosa esposa lembrava a improficiência dos seus colarinhos poidos. O segundo, Mário T. Oliveira, empregado numa papelaria ha dez anos, só me exigia o “smoking” uma ou duas vezes por ano, pois sua digna consorte adorava “reveillons”. Sempre mo devolvía escovado, passado à ferro — o que não deixava de ser uma compensação. Ambos correspondiam, portanto, à minha gentileza. Os outros, todavia, eram duma rudeza agreste, não pediam transitôriamente lenços ou sapatos, brilhantina ou enfeite de gravata. Agrediam-me com prosaicas exigências de dinheiro emprestado. Se pedissem cem cruzeiros, daí para cima, eu teria razões para negá-los. Mas eram finórios neste ponto, sabiam que eu tinha vergonha de, por questão de sensibilidade e orgulho, recusar-lhes quantias pequenas. E todo o santo dia lançavam-me vales de vinte, trinta cruzeiros. A exploração chegou a tal extremo que, como homem ordenado, tive de orga-

nizar um livro de conta corrente. Já-
mais era reembolsado integralmente
porém eles saldavam o débito pela
metade. Duas ou três vezes, forçando
minha natural polidês, tentei reagir.
Mas não conseguí fazer valer o meu
protesto. Atãvicamente sensível, tem-
peramento bondoso, eu não podia pre-
senciar cenas de humilhação, era inca-
paz de permanecer surdo aos lamen-
tos dum ser qualquer, mesmo animal
humano — pagava para não o ver ou
ouvir escabujar em súplicas. E sabendo
disso, alguns fingiam, outros real-
mente sentiam-se desgraçados, chora-
ravam desamparo e infelicidade.

— Tenha paciência, Carvalho, mas
sou casado, sustento família, tenho
mulher para vestir, filhos que preci-
sam de escola, sabe quanto vou pagar
êste mês de farmácia? E você é só no
mundo, não foi besta de casar prá
que quer tanto dinheiro?

Como não ceder a tais réplicas? E
se assim era quando apenas eu con-
tava com o ordenado e as porcenta-
gens nas mamatas, imagine o que su-
cedeu quando fui sorteado na Loteria
Federal! Sim, fui marcado, o azar não
é como a sorte que premia quem lhe
dá no coração, rico ou pobre, feliz ou
desgraçado. O azar é sujo e negro,
persegue só os seres ditosos, só se con-
tenta quando os leva à perdição. Não
ganhei uma fortuna colossal porque
não tinha o costume de comprar bi-
lhetes inteiros. Havia adquirido ape-
nas um décimo, assim mesmo para me
livrar de um vendedor chatérrimo, e
me couberam cem mil cruzeiros. Quan-
do conferí o número o primeiro pen-
samento que me acudiu foi esconder
o fato de todos, já que mudar de
pensão ou mesmo de cidade não surti-
ria efeito.. Noutra rua, noutro bairro
eu encontraria os mesmos sujeitos, ca-
sados e necessitados. A diferença seria
apenas de rostos. Planejei transferir
o dinheiro para o banco, deixá-lo

intocado, rendendo para o futuro, pois
era muito previdente. Assim procedí.
Mas que desgraça, nós nada consegui-
mos esconder aos olhos de urubú dos
nossos semelhantes? Não sei como sou-
beram de tudo lá na pensão. O certo
é que, numa tarde, ao voltar do tra-
balho, encontrei-os reunidos na sala
de jantar, muito animados:

— Escondendo dos amigos, ein, sabi-
dão, escondendo dos amigos!

— Que número foi, Carvalho?

— Sim, senhor, já vi bicho de sorte,
mas como você... tá pra nascer.

— Vejam como são as coisas — ouvi
dum desejoso — nós que somos casa-
dos, que rezamos por um maná dêsses,
neca!

Súbito, a mulher de Mário T. Olivei-
ra, muito festeira, espoucou:

— Vamos comemorar!

O marido correu a vestir o meu
"smocking". Seu Fulgêncio Bernar-
des, bedel da Faculdade de Medicina,
poeta de sucesso, autor de "Arco-
Iris" e outras belezas de sete côres,
cabeça de festas do bairro, alvitrou
que a homenagem seria dada única-
mente por eles, desta vez não con-
sentiriam na mínima despesa de minha
parte.

— Vamos fazer uma vaquinha. Cada
pessoa dará vinte cruzeiros para a
cerveja.

Mas, por infelicidade, com fisio-
nomias consternadas, todos constata-
ram que estavam a zero. Por costume
olhavam para mim. E foi ainda seu
Batista quem teve a idéia salvadora:

— Você nos emprestará a grana,
Carvalho, e no fim do mês lhe paga-
remos integral. Fazemos questão de
pagar, entendeu, amigo velho? Desta
vez fazemos questão, é uma estipula-
ção de honra, e integral, integral!

Alguem lhe pagou o dinheiro? Você
conseguiu receber os oitocentos cru-
zeiros de cerveja, gazoza, até uisque,

que desembolsei? Não? Assim se deu comigo. Divertiram-se até caírem de bêbedos ou de cansaço, com o meu dinheiro, com o meu "smocking", ao som dos meus discos próprios para dansa. Ainda assim, dou-lhe minha palavra, não me queixaria. Se tivessem parado na farra, seria razoável. Logo na manhã seguinte, todavia, recebi a primeira grande facada. Ao abrir os olhos, ainda pesado da cervejada da véspera, deparei com o sr. Demétrio Manuel da Silva, gorducho e rosado como um anjo de Rafael, pequeno comerciante na Baixa dos Sapateiros, vigiando o meu despertar, em companhia da esposa, uma débil, mas estranhamente apeteçível criaturinha que há cerca de cinco meses eu vinha... bem, mas isto é outra história.

— Como passou a noite, Carvalho?

Não atinei logo com aquela inesperada visita. Mesmo antes dêle atirar o bote, julguei que a mulher tinha batido com a lingua nos dentes. Levantei-me pronto para tudo, apanhei a escova. Ele olhava para os lados, nervoso, vigiava a porta. Súbito jogouse contra mim:

— Carvalho, pelo amor de Deus, preciso de sua ajuda. A situação do país está pavorosa, o fio de seda baixou cento por cento, as fábricas estão fechando em São Paulo, há falências em todo canto. Milhares de empregados estão sendo despedidos, o pânico se alastra pelo Brasil desgovernado. Meu negócio está por um nada, quase todo o meu estoque é de sedas, vou falir, Carvalho, vão requerer minha falência. Me ajude, Carvalho, me ajude pelo amor de Deus, sou casado, tenho mulher e filho que dependem de mim e vivem sob a guarda do meu nome honrado. Tenho um título a pagar hoje sem falta e se não o fizer o sacador protestará. Não sei aonde cavar êstes cinco mil cruzeiros, todos

os bancos fecharam o crédito aos pequenos negociantes, êstes infames querem nos levar à ruína, querem se apossar do que é nosso. Você me conhece bem, Carvalho, sou honesto, e além disso tenho mulher doente, veja como ela está abatida, tenho ainda filho para criar...

— Mas seu Demétrio...

— Você sabe o que é um protesto, Carvalho? Você é funcionário público, vive no mole, não pode saber o que é protesto duma duplicata. É o descrédito, é a desmoralização do negociante e se isto se der me suicidarei, meto uma bala na cabeça e você, unicamente você, será o responsável por minha morte, pela viuvez da minha mulher, pela orfandade de meu filhinho inocente...

— Ora, seu Demétrio...

— Sim, porque está rico, tirou cem mil cruzeiros sem fazer força, enquanto eu me esgotei no comércio e não tenho sequer cinco mil cruzeiros para resgatar um título. O que lhe custará emprestar-me esta quantia até que a situação melhore? Você é sôzinho, Carvalho, não sabe o que é sustentar família, mulher e filho.

De repente me lembrei que seu Demétrio Manuel da Silva, embora casado, não tinha filhos e lho disse. Ele fez uma cara de espanto:

— Então, você não sabia?

D. Estela baixou pudicamente os olhos, me sorriu um casto sorriso de cumplicidade que me gelou. Calei-me, maldizendo inteiramente o governo do Brasil e toda a sua política bancária. Como deixavam Matarazzo e quadri-lha subir o fio de seda a seu gosto, fechando o crédito aos pequenos comerciantes, justamente aos que mais precisam no momento da crise?

Enchi o cheque.

Naquela semana êste foi o grande golpe. Parecia que haviam formado

uma conspiração e combinado a ordem dos pedidos. Com o tempo fui sendo regularmente assaltado pelos outros hóspedes. Waldir Sampaio Wanderley (fazia questão de conservar os "dábblus" e "ipsilones" por uma questão, dizia, de sangue azul), com sua branquidão de cêra, cara imóvel de eterno sono hipnótico, magro e alto, longas mãos de pianista, inteiramente calvo, foi o segundo a sangrar-me, talvez por sua ascendência aristocrática sôbre os demais. Tivera a profissão noturna de "croupier" num dos cabarês da cidade e como o jôgo fôra terminantemente proibido, Waldir Wanderley, com elegância e firmeza lançou-me esta outra crise brasileira, não como desculpa, não como se eu tivesse a lhe fazer favor, mas como se eu tivesse obrigação irrestrita de sustentá-lo, como se tivesse sido eu o autor do projeto de lei. Eu desconfiava que êle funcionava numa tovala clandestina montada num palacete da Vitória. De que valem, entretanto, os argumentos dum solteiro a quem o diabo enviou cem mil cruzeiros, sem ninguém a depender d'êle, em face do orgulho e do puro sangue dum desempregado oficial, com esposa e três filhas internas num colégio gráfino, irmãs em Minas Gerais fazendo-lhe cartas pedindo dinheiro? Mais quatro mil cruzeiros foram para o bolso de Wanderley. E dum jeito e de outro, com distinção ou brutalidade, com boas ou más maneiras, todos os outros mártires casados da pensão conseguiram o seu quinhão do dinheiro lotérico. Devo ressaltar, contudo, o procedimento de Mário T. Oliveira, comerciário, e do dr. Evaristo Rocha, professor contratado. Ainda foram os menos selváticos, o último se contentou em apossar-se de meia dúzia de camisas novas do meu sortido guarda-roupa, aquele, por engenhosa proposta de sua mulher, recebeu de presente sem que eu pudesse abrir a bôca, o meu ainda alinhadíssimo

"smocking". Eleutério Marinho, corretor de seguros, depois de tomar a sêco dois mil emprestados para uma sociedade da qual nunca tive outra notícia, fez-me mensalista numa Cia. de Sorteios Prediais que depois se descobriu ser uma grossa bandalheira paulista, e forçou-me a um seguro de vida em proveito de d. Zezé por proposta desta, o que, daí por diante me fez desconfiado com as merendas que ela me mandava ao quarto, especialmente, especialmente. O ajudante de despachante aduaneiro, Lutero Calvino de Jesus Araújo, provando que o movimento portuário naquele mês não dera sequer para pagar suas viagens de bonde, surrupiou-me outros três mil cruzeiros. Miroel Peixoto de Castro tinha realmente o seu filhinho no hospital, com angina. Mas que culpa tinha eu do sistema governamental brasileiro não gostar de construir hospitais para o povo e ter sido êle forçado a internar o filho num estabelecimento particular (as diárias são verdadeiro roubo, Carvalho!), que culpa tinha eu de seu filho cair doente, dele ter filho? Isso meu cérebro remordia, mas a minha boa educação, a retidão do meu caráter... Além disso Miroel chorava...

Todo o tratamento da criança correu por minha conta.

O tempo passava e com êle novos golpes se sucederam sempre com a mesma patética alegação de que eu era sôzinho, solteiro, não tinha família nas costas. Seis meses depois da "grande data", tendo adquirido uma licença de três meses para tratamento duma gripe, e depois de curá-la em dois dias com dois chás de limão e um escalda-pé, resolvi gastar o resto do meu dinheiro numa grande farra, nalgum balneário, antes que os meus amigos o acabassem. E qual não foi o meu desapontamento e a minha raiva quando verifiquei que, da fortuna, restava-me a insignificância de

mil e oito cruzeiros. Mil e oito duma bolada de cem mil! Tinha sido soezmente roubado por aquela malta de parasitas casados. Então, constatando que não era vantajoso ser livre e inteligente, afim de não continuar a ser explorado por estranhos, decidí-me a casar imediatamente. Com o restante do dinheiro comprei duas alianças, noivei com a namorada de ocasião, casei sem demora, hoje sou um homem respeitável e empedernido. Atualmente, quando alguém vem pedir-me dinheiro emprestado sua choradeira não me comove:

— Você é infeliz, meu amiguinho? Você é casado, tem mulher, filhos, família sôbre o lombo? É um pobre burro de carga, meu camaradinho? Então somos almas irmãs, console-se comigo.

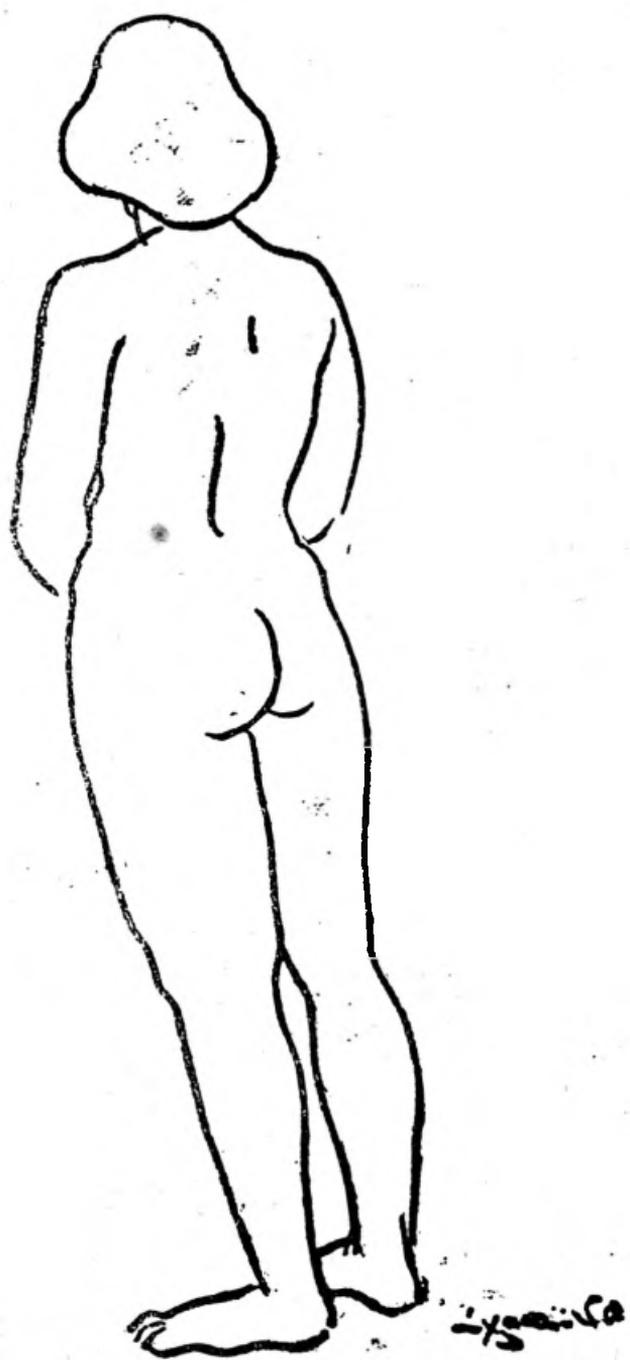
Comprende agora porque, sendo eu um apologista do celibato, enterrei-me no casamento? A vida é assim mesmo, cada qual deve conformar-se com sua sina. Olhe para mim: minha filosofia eufórica mofou, virei filósofo doméstico. Pode sorrir de minha tragédia; já fui alegre, livre e feliz, como você. Hoje sou um escravo de mim mesmo, ou melhor, dos meus filhos, de minha mulher, dos parentes

de minha mulher. O futuro não me oferece a menor perspectiva de paz. E o presente, com tais cadeados, não me acaricia com essa felicidade que experimentamos, quando somos sòzinhos, solteiros e não temos que dar satisfação a quem quer que seja. O pistolão antigo caíu do poder mas, diplomático como ainda sou em certos momentos, antes de sua ruina total, amparei-me a outro. Fui promovido, tenho maior porcentagens nas comidilhas, faço ainda serviços extraordinários nas horas que poderia estar passeando ou descansando. Sô, trabalho como um jumento, ganho o triplo do que ganhava, mas nunca o dinheiro chega para as despesas, estou sempre devendo à padaria ou ao armazem, à farmácia ou ao alfaiate. Agora mesmo, atravesso uma situação desesperadora. Meu filhinho caçula adoeceu de repente, saí para chamar o médico, encontrei-me com você, parei um pouco para recordar o passado — de que adianta pressa se não tenho um níquel para pagar a consulta ou aviar receita? Você que é solteiro, sòzinho, não tem família para sustentar, que não gasta todo o seu ordenado, quer emprestar-me cem cruzeiros até o fim do mês?

(Do livro a sair: "7 CONTOS DA BAHIA").

Ocorre, às vezes, uma identificação entre educação e cultura; mas, há que distinguir entre as formas dirigidas dos valores e a cultura pessoal, autônoma, em oposição à rigidez dogmática e aos julgamentos de valor alheios. A ordem culta é uma ordem vital de crescimento, de ascensão a planos superiores de humanização, aos quais se não pode chegar senão por própria regulação interna e definido impulso consciente.

(SOBRE LA CULTURA, Alejandro C. Arias).



Desenho de Lygia Sampaio